

Manuel A. Janeira

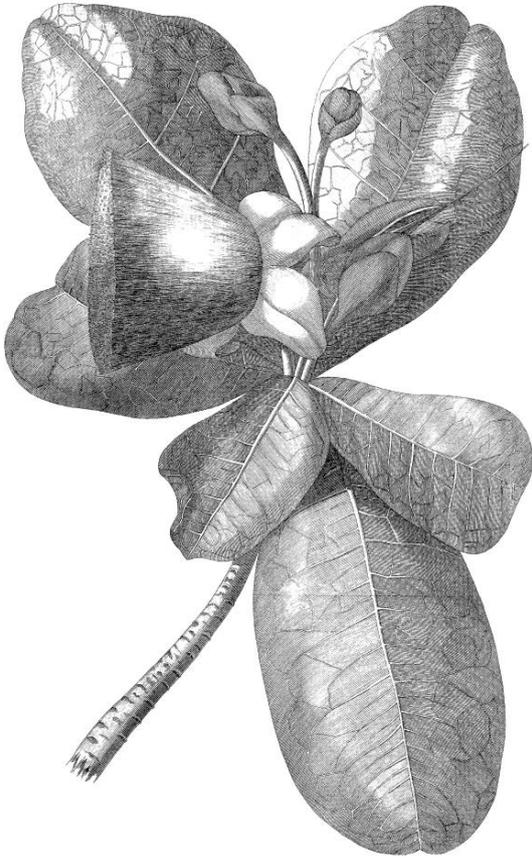
Pró-Reitor Cultura, Desporto e Lazer

Universidade do Porto

Não tenho dúvidas: o Livro é uma espécie de refúgio de montanha, um abrigo de peregrino, um casebre de pastor; e a Leitura uma deliciosa pausa na vida, um vício incorrigível, ou o espanto de quem chega e vê o mundo pela primeira vez. Quando se descobre o gosto pelos livros percebe-se então a sua magia e o seu encanto, e percebe-se também como eles nos podem ajudar a sentir e a criar coisas novas.

Acredito que assim nasceu esta fascinante exposição dos Tesouros Bibliográficos da U.Porto, porque são muitos os refúgios, as caminhadas, as paixões, os espantos, as inspirações... que todos descobrimos neste invulgar OLHAR sobre os tesouros expostos.

Reveladora da riqueza do espólio bibliográfico da nossa Universidade, esta singela aventura expositiva testemunha ainda que é possível acrescentar “uma nova vida” à VIDA dos livros – olhando-os simplesmente – de um modo tão natural – e extasiado - como quem contempla um ocaso sublime.



Fotografia de Rui Mendonça

Subir ao meu refúgio não é tarefa fácil. De Mondim pela Serra chega-se a Vilar de Ferreiros e daí num pulo estamos na estrada certa, quase plana, para o Bilhó. O que vem a seguir é obra de mais respeito. Até ao Bobal o caminho é íngreme e a densidade do arvoredo ensombra as ladeiras e transforma as curvas em armadilhas. Lá no alto a subida amaina e à direita, deslizando o olhar pelo descampado, percebem-se as primeiras casas. Mais para a frente o trilho desenha-se torto no horizonte tal como o rio que por ali passa, muito débil, quase infantil, mergulhado num leito que já foi de senhor. Adiante adivinha-se Lamas de Ôlo, espriada em planalto, muito próxima do céu.

Mas o meu refúgio corre ainda mais para cima, mais para norte, mais para lá do céu. Ignoro as casas na curva e sigo em frente, direito a Travassos, Albadia, Limões, sempre a subir. Quando a floresta escasseia, o cabeça largo do monte destaca-se do fundo azul coberto com carapinha de tojo e urze; e lá ao longe, junto ao carreiro de terra batida, arrancam-se das pedras pequenos molhos de casas tortas. Eis-me chegado ao monte aberto. Antes da primeira habitação, um atalho à esquerda aponta o caminho. Desço lentamente o carreiro e paro na porta do casebre. O odor forte a excrementos de cabra lembra-me que estou em casa. Sentado na soleira, apalpo as cigarrilhas e o isqueiro no bolso largo das calças e abro o livro na página certa - mesmo na hora exata de mais um poente acolhedor.